



**Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina
e o processo de construção do conhecimento agroecológico no território**
*Cooperative of Organic and Biodynamic Producers of Chapada Diamantina and the
process of construction of agroecological knowledge in the territory*

SANTOS, Stênio Erson¹; AGUIAR, Willian M.²; LIMA, José R. O.³

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais, stenierson@gmail.com; ² Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais, willianaguiar@uefs.br; ³ Universidade Estadual de Feira de Santana, zeraimundo@uefs.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do conhecimento agroecológico

Resumo: O modelo de produção agrícola disseminado pela Revolução Verde mostrou-se ineficiente para a sociedade contemporânea por ser uma agricultura exploratória. Diante disso, tem sido necessário a decolonização do saber tradicional agrícola de produção de alimentos. Este artigo visa descrever as práticas agroecológicas como uma estratégia de transição para uma agricultura sustentável e produtiva, a partir da vivência com produtores de café vinculado à Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina, comunidade de Churé, Seabra, Bahia. Para isso discute-se o processo de formação de conhecimentos agroecológicos com base nos conceitos de Educação Ambiental Crítica e Educomunicação, tendo as práticas agroecológicas como uma possibilidade de produção ambientalmente sustentável, economicamente viável e produtiva, socialmente justa.

Palavras-chave: saberes agroecológicos; COOPERBIO; educação ambiental crítica; decolonização.

Introdução

O modelo de produção agrícola disseminado pela Revolução Verde mostrou-se ineficiente para a sociedade contemporânea por ser uma agricultura exploratória. Diante disso, tem sido necessário a decolonização do saber tradicional agrícola de produção de alimentos. A proposta foi desenvolvida entre os meses de outubro de 2022 e julho de 2023 a partir da investigação e vivência com os agricultores e agricultoras familiares da Cooperativa de Produtores Orgânicos e Biodinâmicos da Chapada Diamantina e o manejo dos ecossistemas sustentáveis no processo de transição agroecológica. A região da Churé em estudo, está localizada a 15 km ao Norte do município de Seabra, centro geográfico do Estado da Bahia, no território da Chapada Diamantina, onde se concentra o maior quantitativo de comunidades do campo com áreas cultivadas de café nesse município. Por essa relevância na produção agroecológica, essa comunidade foi escolhida para realização da proposta da pesquisa que se iniciou com a apresentação do projeto aos cooperados em dezembro de 2022. A COOPERBIO surgiu em 2008 e, desde então, os cooperados passaram a se relacionar com estratégias de formação a partir de experiências exitosas de produção com o manejo orgânico e agroecológico. Atualmente os



cooperados estão inseridos no Território da Chapada Diamantina, nas cidades de Seabra, Abaíra, Iraquara e Bonito, região com características favoráveis à produção de café, com altitudes entre 1000m e 1400m. A cooperativa possui DAP jurídica e 52 cooperados da agricultura familiar, sendo 27 produtores com certificação orgânica com o selo IBD (Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural) até dezembro de 2022. Nesse sentido, esse artigo tem o objetivo de descrever os saberes agroecológicos como uma proposta de transição do modelo de agricultura convencional imposto pelo sistema capitalista e consumista para o processo de produção sustentável, diante da necessidade de superação da degradação dos solos e a redução da produtividade, a partir da vivência de um grupo de produtores de café do coletivo COOPERBIO, da comunidade de Churé no município de Seabra, Território da Chapada Diamantina - Bahia.

Metodologia

A metodologia adotada nesta proposta é de abordagem qualitativa, com característica descritiva sobre as ações desenvolvidas pela cooperativa em relação ao manejo agroecológico e orgânico das lavouras de café, bem como no processo de desenvolvimento de uma Economia Popular e Solidária. A atual sede (Figura 1) da cooperativa possuem três galpões. O primeiro funciona como setor administrativo e laboratório de prova de café; o segundo será instalado uma máquina de rebeneficiamento de café através de leitura ótica; o terceiro será montada uma máquina de descascar o café em coco. Além disso, o coletivo conta ainda com um carro Oroch 2022 e com uma Unidade de Torrefação em outro espaço, instalada em parceria com a Associação dos Produtores de Café da Lagoa da Boa Vista.



Figura 1 - Sede Administrativa da COOPERBIO

Resultados e Discussão

A prática agroecológica procura valorizar os saberes tradicionais de manejo dos ecossistemas sustentáveis, viabilizando a ressignificação da interação dos agricultores e agricultoras com a natureza diante da produção de alimentos, a observação de respostas produtivas, a adaptação dos camponeses às mudanças climáticas e às características do seu bioma de identidade. Portanto, como orienta Altieri (2012) o conhecimento agroecológico se baseia em princípios como o diálogo



de saberes, práticas sustentáveis na agricultura, a interconexão ecossistêmica e métodos participativos elaborados a partir do saber empírico e científico.

Isso é o que tem ocorrido nos ambientes produtivos da COOPERBIO que, desde 2008, iniciou um processo de libertação dos sujeitos das amarras coronelistas e da agricultura química e exploratória. A partir de intercâmbios formativos com o saber agroecológico e a interação com os saberes tradicionais locais, as vivências e experimentos contribuíram para que os sujeitos do campo pudessem ampliar e adquirir novos conhecimentos sustentáveis no processo de produção do café.

Observou-se nesse período que a COOPERBIO promoveu a formação de seus cooperados a partir dos princípios da agroecologia e da produção orgânica. Esse espaço informal de conhecimento viabilizou a decolonização com a agricultura química a partir da partilha de experiências agrícolas eficientes no processo de construção de uma concepção agroecológica. Durante o processo de contato com os cooperados, foi possível visualizar nos ambientes produtivos técnicas de cultivo com podas e inserção de forrageiras; produção agroflorestal de café com árvores nativas (Figura 2); produção de biofertilizantes, chorumes e compostagem (Figura 3); captura de microrganismos eficientes para o processo de decomposição da matéria orgânica; qualificação de colheita e pós-colheita.

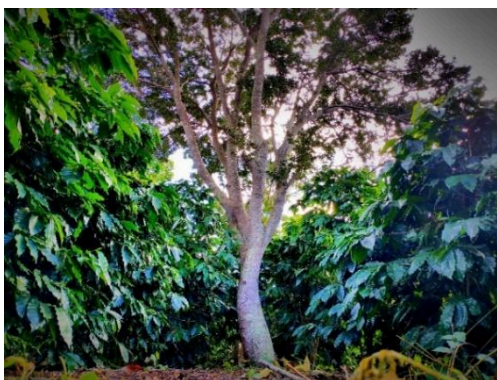


Figura 2 - Sistema agroflorestal com árvores nativas



Figura 3 - Preparação da compostagem com esterco de gado, palha de café, palha de mamona, cinza, pó de rocha e água

Nos meses de junho de 2023 ocorreram duas relevantes formações. A primeira no dia 07 de junho, ministrada pelo membro do Núcleo Raízes do Sertão (Irecê) Fabiano Novaes sobre o processo de certificação orgânica participativa (Figura 4). A segunda, o curso de Agroecologia nos dias 28, 29 e 30 de junho como o Engenheiro Agrônomo Edvaldo Reinaldo (Figura 5). O objetivo das ações era viabilizar a formação dos cooperados no processo de produção de insumos orgânicos de baixo custo, bem como iniciar o processo de formação de um pré-núcleo de certificação orgânica participativa no município de Seabra, BA.



Figura 4 - Curso de Certificação Participativa pelo núcleo Raízes do Sertão de Irecê



Figura 5 - Curso de Agroecologia com Engenheiro Agrônomo Edvaldo Reinaldo

Para Moreira (2020) a “[...] apropriação de modelos teóricos, pedagógicos e tecnológicos [...] acaba gerando ambientes de aprendizagem que promovem sertões conectados tecnologicamente, mas “desterritorializados” [...] com sua realidade” (p. 8). Portanto, observa-se a relevância da epistemologia do saber agroecológico, pois se constitui enquanto conhecimento científico considerando os diferentes saberes, ao tempo que também questiona a produção científica predominante ligada ao pensamento capitalista e desenvolvimentista. A importância da agroecologia serve também para a implantação de políticas públicas que viabilizem o incentivo de um modelo de agricultura ambientalmente sustentável, economicamente viável e produtiva. Contribui ainda na luta pela segurança alimentar, proteção dos ambientes degradados pelo capitalismo, a luta pelo direito à terra (GUHUR, SILVA, 2021).

Assim, ao receber nos ambientes produtivos da COOPERBIO, no dia 07 de julho, estudantes do IFBA de Santa Inês-BA (Figura 6), além de ressignificar a prática escolar atribuindo sentido a sua ação, reconhece e atua juntamente com os saberes de grupos regionais. Essa conexão faz com que o sujeito se sinta pertencente a sua comunidade e responsável em criar estratégias de superação dos problemas comunitários.



Figura 6 - Dia de campo com os estudantes do IFBA de Santa Inês

Nesse contexto, a educação contribui, a partir da interdisciplinaridade, para inter-relações com o saber popular, conectando-o com sua ancestralidade, sua realidade e a possibilidade de ressignificar e criar novos mundos. Como cita Moreira (2020, p. 10) “A educomunicação de raiz se conecta com os saberes dos ancestrais e a cultura local como fonte de inspiração, ressignificação e construção das identidades contemporâneas”. Portanto, trata-se de um ato decolonial que democratiza o acesso ao poder e a fala no processo de construção de conhecimentos e da vida material. Para Freire (1992) uma nova escola que realiza novos processos educativos capazes de promover a formação crítica e consciente de sujeito que questiona, investiga, age conscientemente sobre a sua realidade com o objetivo de transformá-la.

Com base nos ensinamentos de Leff (2001), a Educação Ambiental precisa ser inserida nos espaços educacionais de modo a viabilizar a formação de um pensamento não reprodutor dos modelos tradicionais, mas crítico e criativo, capaz de identificar a relação entre os processos naturais e sociais, compreendendo que a nossa atuação no ambiente deve pensá-lo como um bem coletivo e global, e por isso, é necessário respeitá-lo diante das diversidades socioculturais. Nesse sentido, observa-se que a COOPERBIO, ao longo de seu processo histórico de formação, buscou subverter a ordem vigente a partir de uma relação comercial baseada na Economia Solidária Popular que pode ser descrita em três fases. Primeiro, quando os cooperados encerram uma relação comercial com os atravessadores, desarticulando o modelo do mercado tradicional de exploração do trabalho dos agricultores familiares e o enriquecimento da classe que detém o poder do capital. A segunda fase, se refere a sua inclusão no cenário comercial estadual e nacional devido a perspectiva agroecológica na produção e ao reconhecimento da qualidade dos cafés especiais. A terceira fase, se trata do lançamento das linhas de café Tradicional, Todo Dia, Especial e Agroecológico no final de 2022, o que agregou ainda mais valor ao produto e ao trabalho dos cooperados.

Diante dessa realidade, com o objetivo de incentivar o crescimento da produção da agricultura familiar na Bahia, através de parcerias com o setor privado, o Governo do Estado investiu 60 milhões através do Edital Alianças Produtivas (2019), do



projeto Bahia Produtiva, destinado às associações e cooperativas da agricultura familiar. Esse investimento além de modernizar com tecnologias de ponta essas organizações coletivas possibilitou a ampliação de relações comerciais e uma participação direta na economia local. A partir desse convênio, a COOPERBIO conseguiu o acesso a equipamentos (Figura 5) e máquinas que irão estruturar tanto a cooperativa, de modo a viabilizar o aumento da produção de cafés especiais.



Figura 5 - Terreiros cobertos para a secagem de café

Observa-se que ações de base popular contribuem para o desenvolvimento de uma Economia Popular Solidária, além de ampliar os mecanismos políticos como a criação de leis de valorização da agricultura familiar, orgânica e agroecológica, como estratégias de desenvolvimento local e solidário, de modo a envolver os sujeitos não só no processo de produção, mas também de forma direta nas relações econômicas e na criação de leis (LIMA, 2022). Historicamente, a comunidade de Churé enfrentou um processo de colonização técnico-científica-epistemológica quanto à produção de café. Contudo, nos últimos anos, as práticas agroecológicas viabilizaram não só o resgate às práticas tradicionais, a solidariedade e o reconhecimento da identidade de classe, como também o despertar para uma produção agrícola ecologicamente sustentável e produtiva.

Conclusões

É possível afirmar, com base nos ensinamentos de Costa Neto (2016), que a organização da COOPERBIO, construiu coletivamente um ato de decolonização com o objetivo de curar as “feridas” e “cicatrices” de vozes silenciadas, de experiências corrompidas, de saberes invisibilizados, de corpos violados por um sistema opressor. É ainda possível afirmar que as práticas e saberes agroecológicos desenvolvidos por essas famílias se relacionam diretamente com a Agenda 2030 a partir do consumo e produção responsável; combate às alterações climáticas; saúde e bem estar; vida sobre a terra; erradicação da pobreza; fome zero; educação de qualidade; igualdade de gênero; redução das desigualdades; paz, justiça e instituições fortes; além de promover uma agricultura ambientalmente sustentável, economicamente viável e socialmente justa.



Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel; FERRARI, Eugênio A.; SILVA, Nívea Regina; SILVA, Márcio Gomes. Conhecimento Agroecológico *In*: DIAS, Alexandre Pessoa *et al.*, **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021, p. 253-259.

COSTA NETO, Antonio Gomes da. **A Denúncia de Cesáire ao Pensamento Decolonial**. Revista EIXO, Brasília – DF, v. 5, n. 2, julho-dezembro de 2016.

FREIRE Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LAYRARGUES, Philippe. A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema-gerador ou a atividade-fim da educação ambiental? *In*: REIGOTA, Marcos. (Org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 1999. p. 131-148.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, jan.-mar. 2002.

LIMA, José R. O. **Economia Popular e Solidária e Desenvolvimento local Relação protagonizada pela comunidade organizada. Economia local, comunitária e solidária. O desenvolvimento visto de baixo**. Organizado por Jordi Estivill e Casimiro Balsa. 2022. p. 132 - 162.

MOREIRA, Gislene. **Educomunicações e os sertões do século XXI**. Campinas, 2020.